

**FESTIVAL AO
LARGO 2016
MILLENNIUM BCP**

08—30.07

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Luísa Taveira

(Companhia Nacional de Bailado)

Patrick Dickie

(Teatro Nacional de São Carlos)

Companhia Nacional de Bailado — Coro do Teatro Nacional de São Carlos — Escola Superior de Teatro e Cinema
Orquestra Gulbenkian — Orquestra Metropolitana de Lisboa — Orquestra Sinfónica Juvenil
Orquestra Sinfónica Portuguesa — Orquestra de Sopros e Percussão do Conservatório Regional de Artes do Montijo

André Baleiro — Airam Hernández — Christopher Bochmann — Cristiana Oliveira — Cristina Carvalhal
Dinis Sousa — Domenico Longo — Joana Carneiro — Laryssa Savchenko — Lorenzo Decaro — Luís Rodrigues
Maria Luísa de Freitas — Mário Laginha — Mary Elizabeth Williams — Nuno Silva — Pedro Amaral
Pedro Meireles — Pedro Neves — Sara Braga Simões

FESTIVAL AO LARGO 2016 MILLENNIUM BCP

Fernando Pessoa escreveu que todos vivemos tal como sonhamos – sozinhos. À afirmação imaterial e poética impõe-se a pergunta terrena e material: e enquanto vivemos e sonhamos, não choramos, não cantamos, não amamos e não acreditamos em comunidade?

Uma das mais poderosas formas de bem-estar e de reconciliação é a partilha comunitária da Música, de uma simples melodia, não sozinhos, mas cercados por milhares de vozes. Claro que existe essa barreira, quase indecifrável, que divide as emoções de massa da verdadeira consciência estética, mas a prova está nos resultados, esses bem decifráveis: perdemo-nos na multidão ou, no meio dela, nos descobrimos como indivíduos unidos, mesmo comungando das nossas diferenças?

Porque acreditamos que a etimologia não engana e que comunhão e comunidade são da mesma família, porque acreditamos que certas formas públicas de abraçarmos as diversas fatias da cultura são vitais para que essa mesma cultura possa sobreviver, o Festival ao Largo regressa na sua já 8ª edição. Sempre empenhados em servir uma comunidade mais vasta, trazemos da sala escura para céu aberto um repertório mais abordável da música, do canto, da dança e do teatro nas suas múltiplas vertentes eruditas e, com elas, fazemos uma verdadeira festa na cidade.

Artistas, imprensa escrita e audiovisual, patrocinadores, parceiros estratégicos, ou comércio local, todos concorremos para, numa só voz, servir a comunidade, procurando a captação de outros públicos. Damos evidente destaque ao Coro do Teatro Nacional de São Carlos, à Orquestra Sinfónica Portuguesa e à Companhia Nacional de Bailado, contando igualmente com a participação de artistas convidados, sendo de salientar nesta edição a presença do compositor e pianista Mário Laginha.

Eis a programação desenhada pelas respetivas direções artísticas da Companhia Nacional de Bailado e do Teatro Nacional de São Carlos para a edição deste ano do Festival ao Largo. Ambas não descuraram a oportunidade de festejar efemérides ou de homenagear figuras marcantes da cultura nacional ou mundial: prova disso, a celebração do 400º aniversário da morte do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare e o convite oficial, a 15 de julho de 1916, do governo britânico para que Portugal participasse na Primeira Grande Guerra ao lado dos Aliados.

Um agradecimento especial é devido ao Millennium bcp e ao Marriott Lisbon por nos acompanharem nesta edição.

Basta de palavras. O fantástico E. T. Hoffmann escreveu um dia que onde a acaba a palavra, começa a música. Então, que ela comece!

Lisboa, 1 de junho de 2016

Carlos Vargas

Presidente do Conselho de Administração

19.07—*terça-feira*

21h30

MÚSICA

Orquestra Sinfónica Juvenil

Christopher Bochmann, direção musical

Hector Berlioz
Abertura de *O Corsário*

Max Reger
*Variações sobre
um tema de Mozart,*
op. 132

Otto Nicolai
Abertura de
*As Alegres Comadres
de Windsor*

Richard Strauss
Valsa de *O Cavaleiro
da Rosa*

A Abertura de *O Corsário*, de Berlioz conheceu outros dois títulos: “La Tour de Nice” e “The Red Rover”, de James Fenimore Cooper, escritor norte-americano que o compositor tanto admirava. Só em 1852, aquando da publicação definitiva da partitura, é que Berlioz decidiu rebatizá-la com o título do conto em verso de Lord Byron que narra as aventuras de Conrad, o corsário rebelde. As *Variações sobre um tema de Mozart, op. 132*, de Max Reger, é um conjunto de variações para orquestra inspirado no primeiro andamento da Sonata para piano em Lá, K.331, de Mozart, e que permanece a obra orquestral mais conhecida e gravada de Reger. Com a *Abertura de As Alegres Comadres de Windsor*, ópera escrita em 1849 por Otto Nicolai para a Staatsoper de Berlim, termina a nossa celebração a Shakespeare. A Valsa da ópera *O Cavaleiro da Rosa*, ópera de Richard Strauss, foi estreada com reumbante sucesso em Dresden, em 1901. E na mais mozartiana ópera de Strauss, que importa o anacronismo de uma valsa numa época onde ela ainda nem sequer existia? A música de Strauss enquadra-se esplendorosamente no perfume e na sofisticação de uma Viena da corte de Maria Teresa de Áustria.



Orquestra Sinfónica Juvenil

Fundada em 1973, a Orquestra Sinfónica Juvenil é, hoje, reconhecida como uma instituição fundamental no nosso panorama músico-pedagógico.

Sendo, em Portugal, a única orquestra de jovens com atividade permanente, desempenha um papel fulcral na formação de jovens músicos, numa perspetiva de aperfeiçoamento de alto nível e profissionalização.

Conta nos seus quadros com 90 elementos das diversas escolas de música da área de Lisboa.

A OSJ e os seus agrupamentos são convidados para atuar em importantes acontecimentos artísticos, com apresentações na Grécia, China, Espanha e Índia.

A OSJ encomenda regularmente obras a jovens compositores portugueses, apresentando-as em estreias mundiais.

Realiza anualmente estágios de aperfeiçoamento orquestral, que têm conhecido um grande sucesso, permitindo uma proximidade com as populações.

Para além dos Maestros-Titulares (Alberto Nunes de 1973–83) e Christopher Bochmann (desde 1984), foi dirigida por Francisco d’Orey, Jorge Matta, António Saiote, Roberto Perez, Georges Adjinikos, José Palau, Andrew Swinerton, Vasco Azevedo, Julius Michalsky, Pedro Amaral e Filipe Carvalheiro.

A Orquestra Sinfónica Juvenil desenvolve as suas atividades com o apoio do Ministério da Cultura, do Instituto Português do Desporto e Juventude, da RTP, da Câmara Municipal de Lisboa e com o apoio mecenático da Fundação EDP, instituição com a qual tem desenvolvido um fecundo programa de bolsas.

19.07—*terça-feira*

21h30



Christopher Bochmann

Filho de pais violoncelistas, viveu nove anos na Turquia, em criança.

Cantou no coro de St. George's Chapel, Castelo de Windsor, continuando os estudos no Radley College.

Teve aulas particulares com Nadia Boulanger, em Paris, antes de entrar para a New College, Universidade de Oxford, onde trabalhou com David Lumsden, Kenneth Leighton e Robert Sherlaw Johnson.

Em Oxford, adquiriu os graus de B.A.Hons., B.Mus., M.A. e D.Mus.

Teve, também, aulas particulares com Richard Rodney Bennett, em Londres.

Desde 1980, vive e trabalha em Lisboa. Foi professor do IGL e do CN e diretor e coordenador do Curso de Composição na ESML.

Atualmente, é Professor Catedrático da Universidade de Évora.

Em 2003, publicou o livro “Linguagem Harmónica do Tonalismo” (JMP).

Desde 1984, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Juvenil com a qual já dirigiu centenas de concertos. Com esta orquestra, gravou três CD com obras suas, para além de ter estreado várias outras.

Ganhou vários prémios de composição, entre os quais o Prémio Lili Boulanger (duas vezes) e o Clements Memorial Prize.

Foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura (Portugal) e com a *Order of the British Empire* (Reino Unido).

21.07—*quinta-feira*
21h30

MÚSICA

Orquestra Gulbenkian

Mário Laginha, piano

Pedro Neves, direção musical

Mário Laginha

Concerto para piano e orquestra

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 5 em Dó menor, op. 67

Mário Laginha explica-nos que o seu mundo musical “é forçosamente contaminado pelas características que me atraem em qualquer estilo e música”. E neste seu *Concerto para piano e orquestra* com três andamentos, estreado em 2009 no 31.º Festival Internacional de Música do Algarve, não recusa as referências de Mozart, Beethoven, Prokofiev ou Ravel, mas também as do jazz ou mesmo da música étnica. Os primeiros acordes da 5.ª *Sinfonia em Dó menor, op. 67* de Beethoven, estreada em Viena em 1808, identificam, de imediato, uma das obras mais conhecidas da música ocidental de todo o mundo em que os seus quatro andamentos oscilam uma tensão e uma solenidade que, no final da obra, se dissolvem num clima arrebatador de magnificência e de triunfo.



Orquestra Gulbenkian

A Orquestra Gulbenkian foi fundada em 1962. Inicialmente constituída por 12 músicos, conta hoje com um efetivo de sessenta e seis instrumentistas, número que pode ser aumentado de acordo com os programas executados. Esta constituição permite-lhe tocar um amplo repertório que abrange os principais períodos da História da Música, desde o Classicismo à Música Contemporânea.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza no Grande Auditório uma série regular de concertos, colaborando com alguns dos mais reputados maestros e intérpretes. Sendo uma referência musical no nosso país, distinguiu-se também em muitas das principais salas de concertos do mundo.

Ao longo da sua história, a Orquestra Gulbenkian gravou diversos discos que receberam importantes prémios internacionais. Paul McCreech é o atual maestro titular da Orquestra Gulbenkian, sendo Susanna Mälkki a maestrina convidada principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os maestros convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é maestro honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado maestro emérito.

21.07—quinta-feira

21h30



Mário Laginha

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas o universo musical que foi construindo é mais vasto, passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, e pelas bases clássicas que presidiram à sua formação.

Mário Laginha gravou um único disco a solo, *Canções e Fugas*, e tem partilhado a sua arte com outros músicos e criadores: Maria João, Pedro Burmester, Bernardo Sasseti até ao seu inesperado desaparecimento, Cristina Branco, e músicos como Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Howard Johnson, André Mehmarí ou Django Bates.

A obra mais recente do Mário Laginha Trio é *Mongrel*, e *Iridescente* é a sua última aventura musical com Maria João. Mário Laginha e o seu Novo Trio lançaram *Terra Seca*, um disco que desbrava novos caminhos para o jazz e a música portuguesa.

O concerto para piano está entre algum do reportório musical que mais me apaixonou ao longo dos anos. Mozart, Beethoven, Brahms, Schumann, Prokofiev, Rachmaninoff, Ravel entre outros, escreveram concertos com uma inspiração e uma técnica orquestral que facilmente fazem alguém como eu sentir-se intimidado com a perspectiva de também o tentar fazer. Decidi, assim, que tinha que pôr de lado esse peso e encarar a tarefa com a mesma descontração com que componho para formações bem mais pequenas. As minhas influências passam por muitos dos compositores que referi, mas também pelo jazz, a música étnica, etc.

Talvez seja um pouco redutor, mas parece-me aceitável dizer que a linguagem do jazz se desenvolveu afastando-se do universo clássico. A forma como se tocam os instrumentos, o som que se tira deles, as próprias formações, tudo isso conferiu uma identidade muito própria ao jazz. Por essa razão, pode parecer um contrassenso tentar reaproximar aquilo que naturalmente se separou.

Mas não é assim que eu vejo a questão. O meu universo musical é forçosamente contaminado pelas características que me atraem em qualquer estilo de música. Aquilo que eu pretendo fazer é simplesmente tentar perceber o que posso utilizar, como devo utilizar e quando utilizar essas características. É um terreno difícil, mas não foi o risco que me fez desistir de experimentar.

Mário Laginha



Pedro Neves

Pedro Neves é maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho, assumindo recentemente o cargo de maestro convidado da Orquestra Gulbenkian. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Joensuu City Orchestra (Finlândia) e a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado.

No âmbito da música contemporânea tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, e com o Remix Ensemble Casa da Música.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais na sua terra natal, estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respetivamente no Conservatório de Música de Aveiro, Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa e Escuela de Música Juan Pedro Carrero em Barcelona, com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz respeito à direção de orquestra estudou com Jean Marc Burfin, obtendo o grau de licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomarico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

22.07—sexta-feira 23.07—sábado
21h30

ÓPERA

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Mary Elizabeth Williams, Santuzza

Lorenzo Decaro, Turiddu

Luís Rodrigues, Alfio

Laryssa Savchenko, Mamma Lucia

Maria Luisa de Freitas, Lola

Domenico Longo, direção musical

Pietro Mascagni

Cavalleria Rusticana

Ópera em versão de concerto

O estrondoso sucesso de *Cavalleria Rusticana*, em 1890 no Teatro Costanzi, em Roma, trouxe ao compositor Pietro Mascagni uma notoriedade nunca mais igualada nas suas óperas posteriores. “Nunca a devia ter escrito primeiro”, afirmava amiúde o compositor. Baseada na obra teatral de Giovanni Verga, um dos pilares do *verismo*, a ópera colhe no ciúme e na traição o seu ímpeto dramático mais essencial. Às vozes de Turiddu e de Alfio une-se a de Santuzza, esta dividida entre a sua fé religiosa e a afronta de um amor impossível. Eis o triângulo amoroso de consequências trágicas que se desenrola sob o calor mediterrâneo num rude povoado siciliano.



Mary Elizabeth Williams

Compromissos atuais e futuros incluem Lady Macbeth (*Macbeth*), Welsh National Opera, Lady Macbeth e Chimène (*Le Cid*), Theater St. Gallen, papel principal na ópera *Norma*, Florida Grand Opera, Abigail (*Nabucco*) Oper Leipzig, Leonora (*La forza del destino*) e o papel principal na *Tosca*, Welsh National Opera, papel principal na ópera *Aida* e Elisabetta (*Maria Stuarda*), Seattle Opera. Foi galardoada com o prémio *Artist of the Year* atribuído pela Seattle Opera, temporada de 2011-2012, após escolha do público.

Compromissos recentes incluem o papel principal em *La Wally*, Dallas Opera, papel principal em *Aida*, Teatro Massimo de Palermo, Abigail (*Nabucco*), Vlaamse Opera, Seattle Opera, Oper Stuttgart, Welsh National Opera e Savonlinna Opera Festival, Santuzza em *Cavalleria Rusticana*, Stadttheater Klagenfurt, papel principal em *Tosca*, Welsh National Opera, Seattle Opera, Opera Bonn, Arizona Opera, Michigan Opera Theater, New Orleans Opera e Virginia Opera, papel principal em *La Wally* e Odabella (*Attila*), Theater St. Gallen, Amelia (*Un ballo in maschera*), Theater Basel, papel principal em *Adriana Lecouvreur*, Washington Concert Opera, papel principal em *Aida*, *Opéra en plein air*, em Paris, Atlanta Opera, Arizona Opera, Virginia Opera e Stadttheater Oldenburg, Leonora (*Il trovatore*), Seattle Opera, Kentucky Opera, New Orleans Opera e Indianapolis Opera, Goddess of the waters (*Amistad*), Spoleto Festival, Estados Unidos da América, Serena (*Porgy and Bess*), Seattle Opera, Cila (*Margaret Garner*), Michigan Opera Theatre e *cover* de Leonora (*Il trovatore*), Opéra Bastille.



Lorenzo Decaro

Um dos mais requisitados tenores da atualidade, Lorenzo Decaro, interpretou já papéis principais em óperas de Verdi e Puccini nalguns dos mais importantes palcos italianos e europeus, incluindo o Teatro alla Scala, Maggio Musicale Fiorentino, Teatro Filarmónico de Verona, Teatro San Carlo de Nápoles, Teatro Comunale de Bolonha, Teatro Régio de Turim, Teatro Massimo de Palermo, Teatro Petruzzelli de Bari e Ópera de Nice.

Colaborou com conceituados maestros como Daniel Barenboim, Zubin Mehta, Roberto Abbado, Riccardo Frizza, Nicola Luisotti, Gianandrea Noseda, Stefano Ranzani, e com encenadores como Daniele Abbado, Gianfranco de Bosio, Jean Louis Grinda, Maurizio Scaparro, Graham Vick e Robert Wilson. Recentes compromissos incluíram *Tosca* no Teatro La Fenice, em Veneza, *Turandot* no Festival de Puccini em Torre del Lago, *Macduff (Macbeth)* no Teatro Comunale de Bolonha, *Pinkerton (Madama Butterfly)* em Lucca, Livorno e Rovigo, bem como a sua estreia no Teatro alla Scala como *cover* dos papéis de Gabriele Adorno em *Simon Boccanegra* e Radames em *Aida*.

Dos seus futuros compromissos destacam-se Dick Johnson em *La Fanciulla del West*, no Grange Park, Turiddu em *Cavalleria Rusticana* em Lisboa e Toulon, *Pinkerton* em *Madama Butterfly* em Tóquio, Kanazawa e Osaka.

22.07—sexta-feira 23.07—sábado
21h30



Luís Rodrigues

Estudou no Conservatório Nacional com José Carlos Xavier e na Escola Superior de Música de Lisboa com Helena Pina-Manique. Ganhou o 2.º Concurso de Interpretação do Estoril, o 4.º Concurso de Canto Luísa Todi e o Prémio Jovens Músicos da R.D.P. em Música de Câmara, com o pianista David Santos.

Luís Rodrigues tem vindo a construir em Portugal uma sólida carreira no domínio da Ópera, com papéis como Figaro (*Il barbiere di Siviglia*), Guglielmo, Albert, Nick Shadow, Escamillo, Gianni Schicchi, Beauperthuis, Sulpice e Don Profondo no Teatro Nacional de São Carlos, Mr. Gedge (*Albert Herring*) e Eduard (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto, Semicúpio (*Guerras do Alecrim e Mangerona*) no Acarte, Teatro da Trindade e Teatro Nacional D. Maria II (Prémio Bordalo da Imprensa 2000 para Música Erudita), Marcello (*La bohème*) com o Círculo Português de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade, Tom (*The English Cat*) com a Cornucópia e a ONP no Rivoli e Teatro São Carlos, Guarda Florestal (*A Raposinha Matreira*) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno, Ramiro (*L'Heure Espagnole*) e Sumo Sacerdote (*Samson et Dalila* – versão de concerto) na Fundação Calouste Gulbenkian, Yoshio (*Hanjo*) na Culturgest, Arsénio (*La Spinalba*) e Marcaniello (*Lo frate Innamorato*) com os Músicos do Tejo no CCB, Giorgio Germont, Iago e os papéis titulares de D. Giovanni e Rigoletto com a Orquestra do Norte, e Sharpless (*Madama Butterfly*) no Teatro Nacional de São Carlos. Intérprete de reconhecida versatilidade, apresenta-se também regularmente em Concerto ou Recital, e é frequentemente solicitado para estreitar obras de Música Contemporânea.



Laryssa Savchenko

Nasceu na Ucrânia. Em 1987, acabou os seus estudos no Conservatório Nacional de Kiev e obteve o diploma canto lírico. Entre 1989 e 1997, trabalhou como solista no Teatro Municipal da Ópera de Kiev, onde interpretou os seguintes papéis: Madalena (em *Rigoletto* de Verdi), Marta (em *Iolanta* de Tchaikovski), Liubacha (em *A Noiva do Czar* de Rimsky-Korsakov) entre outros.

Em 1997 trabalhou como professora de canto na Academia de Música da ilha Graciosa. Em 1999, lecionou canto no Conservatório Regional da Ponta Delgada São Miguel, Açores.

Desde 2001, é professora de canto (2001-2013) no Conservatório Nacional de Lisboa e foi cantora do Coro do Teatro Nacional do São Carlos, tendo participado em várias temporadas do São Carlos como solista: *Cantata Alexander Nevsky* de Prokofiev, *Petite Messe Solennelle* de Rossini, Marta em *Iolanta* de Tchaikovski, *Aleko* de Rachmaninov, Larina em *Eugeni Onegin* de Tchaikovski, Suzuki em *Madama Butterfly* de Puccini, Requiem de Verdi, entre outros.

Trabalhou com os seguintes maestros: Vladimir Fedoseev, Will Humburg, Volodymyr Gluchko, Zoltan Pesko, Jonathan Webb, Christopher Bochmann, José Lobo, João Paulo Santos, Michail Yurowski e Lawrence Foster.



Domenico Longo

Depois de estudar violoncelo no Conservatório N. Piccini de Bari, diplomou-se com mérito em Direção de Orquestra na Academia Superior de Música de Pescara com Donato Renzetti. Foi finalista no Concurso Intenacional Mario Gusella.

Dirigiu, entre outras, as seguintes orquestras: Pomeriggi Musicali de Milão, Teatro Petruzzelli de Bari, Orquestra de Camera delle Marche, Filarmónica Marchigiana, Teatro Comunale de Bolonha, Mozart Sinfonietta, Sinfónica de Pescara, Sinfónica Metropolitana de Bari, Comunidade de Madrid e Cidade de Granada.

Refira-se, também, a sua colaboração no Prémio Nobel atribuído a Dario Fo por *Misterio buffo*.

Dirigiu *I Pagliacci* com a Orquestra Magna Grécia no Teatro Pergolesi, *Werther* com a Filarmónica Marchigiana, *La traviata* no Teatro Comunale de Bolonha, *Black el payaso* e *I Pagliacci* no Teatro de la Zarzuela de Madrid e no Festival Internacional de Música e Dança de Granada e, em 2015, *Macbeth*, no Teatro Nacional de São Carlos. Dirigiu, ainda, os cantores Yolanda Auyanet, Cinzia Forte, Nicola Martinucci, Antonio Gandía, J. Jesús Rodríguez e Frabián Veloz.

Mantém uma intensa colaboração com a Orquestra Sinfónica Metropolitana de Bari, destacando-se o concerto final do Festival Notti Sacre com Dimitra Theodossiu.

É professor de violoncelo no Conservatório G. Paisiello de Tarento.

28.07—quinta-feira 22h **29.07—sexta-feira** **30.07—sábado**

DANÇA

Companhia Nacional de Bailado

George Balanchine
Serenade

William Forsythe
Herman Schmerman

Hans van Manen
5 Tangos

George Balanchine, nome pioneiro da dança, com apenas 30 anos e acabado de desembarcar no Novo Mundo, cria em 1934, *Serenade*, o seu primeiro bailado “americano” segundo as suas palavras. Ao som da *Serenata* para cordas em Dó de Tchaikovski – compositor por quem Balanchine nutria especial reverência – estavam assim lançadas as primeiras sementes do bailado norte-americano. Também segundo palavras do coreógrafo William Forsythe, o seu bailado *Herman Schmerman* com música eletrónica de Thom Willems, seu colaborador de longa data, “não tem qualquer significado, apenas o prazer da dança”. Criado em 1992, o bailado é um *pas-de-deux* muito inventivo. Para terminar este programa da Companhia Nacional de Bailado, dança-se 5 *Tangos* do coreógrafo holandês Hans van Manen. Estreado pelo Dutch National Ballet, em 1997, o bailado é uma sequência trepidante de danças que combinam o bailado clássico com a paixão arrebatadora do tango interpretado pelo *bandoneon* do compositor argentino Astor Piazzolla.



© Bruno Simão

Este é um programa de reportório onde se reúnem alguns dos coreógrafos que mais marcaram a História da Dança. A belíssima e feminina *Serenade* de Balanchine, a abstração de William Forsythe com um dueto virtuosístico e a inspiração latina de 5 *Tangos* de Hans van Manen são uma janela aberta para o que de melhor se produziu no séc. XX.

28.07—quinta-feira 29.07—sexta-feira 30.07—sábado
22h

Serenade

George Balanchine, Coreografia © *The George Balanchine Trust* — *Piotr Ilitch Tchaikovski*, Música — *Nanette Glushak*, Assistente da Fundação Balanchine © *The George Balanchine Trust* — *Barbora Hurskova* e *Fernando Duarte*, Ensaiadores

Estreia absoluta—Nova Iorque, Adelphi Theatre, American Ballet, 1 de março de 1935

Estreia na CNB—Lisboa, São Luiz Teatro Municipal, 14 de outubro de 1982

Herman Schmerman

Dueto

William Forsythe, Coreografia, Espaço Cénico e Desenho de Luz — *Thom Willems*, Música
Gianni Versace e William Forsythe, Figurinos — *Maurice Causey*, Remontagem — *Fátima Brito*, Ensaiadora

Estreia absoluta—Frankfurt, Opernhaus, Ballet Frankfurt, 26 de setembro de 1992

Estreia na CNB—Porto, Teatro Municipal do Porto, Rivoli, 29 de janeiro de 2016

5 Tangos

Hans van Manen, Coreografia — *Astor Piazzolla*, Música — *Jean-Paul Vroom*, Cenários e Figurinos
Jan Hofstra, Desenho de luz — *Nathalie Caris e Mea Venema*, Assistentes do Coreógrafo — *Fernando Duarte*, Ensaiador

Estreia absoluta—Amesterdão, Ballet Nacional da Holanda, 3 de novembro de 1977

Estreia em Portugal—Lisboa, Grande Auditório Gulbenkian, Ballet Gulbenkian, 23 de abril de 1982

Estreia na CNB—Lisboa, Teatro Camões, 16 de maio de 2003

28.07—quinta-feira 29.07—sexta-feira 30.07—sábado
22h

George Balanchine

Coreografia

George Balanchine nasceu em São Petesburgo, em 1904, tendo-se formado e integrado no Teatro Mariinsky. Aos vinte anos, no entanto, abandonava definitivamente a Rússia. Iniciou a sua carreira nos Ballets Russes de Diaghilev, hoje reconhecida como brilhante e influente companhia do séc. XX. *Apollo* (1928) e *Filho Pródigo* (1929) são ainda hoje grandes obras de repertório. Após a morte do empresário, uma breve itinerância europeia levou-o a fixar-se nos EUA. Aí colaborou em filmes, na Broadway, e fundou uma escola, base sustentadora do futuro New York City Ballet. Foi para esta Companhia que Balanchine criou a maioria das suas peças, construindo um corpo inigualável de obras primas como: *Divertimento n.º 15* (1956), *Agon* (1957), *Liebeslieder Walzer* (1960), *Jewels* (1967), *Sinfonia em 3 Andamentos* e *Concerto para Violino* (1972), *Who Cares?* (1970), *Le Tableau de Couperin* (1975), *Vienna Waltzes* (1977) e *Mozartiana* (1980). Estas vieram juntar-se ao grupo de coreografias criadas antes do New York City Ballet, *Serenade* (1934), *Concerto Barroco* (1941), *Quatro Temperamentos*, *Tema e Variações* (1947), *Sinfonia de Bizet* (1947), para formar um opus gigante, marcado pela perfeita compreensão musical e uma inesgotável invenção em todos os registos da dança clássica. George Balanchine faleceu em 30 de abril de 1983, em Nova Iorque.

William Forsythe

Coreografia

Mantém-se ativo, no panorama da coreografia, há mais de 45 anos. É reconhecido o seu trabalho na reorientação da dança, a partir da identificação com o repertório clássico, rumo a uma forma artística dinâmica e condizente com o século XXI. Iniciou os seus estudos na Flórida, dançou no Joffrey Ballet e depois no Ballet de Estugarda, onde foi nomeado coreógrafo residente, em 1976. Ao longo dos sete anos seguintes coreografou, ainda, para companhias europeias e norte-americanas. Entre 1984 e 2004 dirigiu o Ballet de Frankfurt. No ano seguinte criou a Companhia Forsythe que dirigiu ao longo de dez anos. As suas mais recentes criações foram desenvolvidas e apresentadas exclusivamente por esta companhia, mas o seu repertório anterior é dançado por elencos como os do Ballet Mariinsky, The New York City Ballet, The San Francisco Ballet, o Ballet Nacional do Canadá, o Semperoper Dresden Ballet, o Royal Ballet ou o Ballet da Ópera de Paris. Tem sido distinguido com os mais distintos prémios nos Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália ou Suécia. Tem recebido encomendas para produção de instalações de arquitetura e performance. Inúmeros museus, bienais e festivais têm apresentado as suas instalações e filmes. Em colaboração com especialistas em comunicação e pedagogos tem desenvolvido novas abordagens à documentação da dança, pesquisa e educação. A sua aplicação informática *Tecnologias da Improvisação* é utilizada como ferramenta de ensino por companhias profissionais, conservatórios, universidades ou programas de pós-graduação em arquitetura. Forsythe é regularmente convidado para apresentação de palestras e *workshops* em universidades e instituições culturais. Em 2015 foi nomeado Coreógrafo Associado do Ballet da Ópera de Paris. *Artifact II*, *In The Middle Somewhat Elevated* e *The Vertiginous Thrill of Exactitude*, são criações de Forsythe anteriormente dançadas pela Companhia Nacional de Bailado.

Hans van Manen

Coreografia

Hans van Manen, natural de Amstelveen, Holanda, nasceu em julho de 1932. Estudou dança com Sonia Gaskell, Françoise Adret e Nora Kiss. A sua carreira profissional iniciou-se em 1951, no Ballet Recital de Sonia Gaskell, e em 1952 no Ballet da Ópera da Holanda, onde coreografou o seu primeiro bailado, *Feestgericht*, em 1957. Após uma passagem pelos Ballets de Paris, de Roland Petit, van Manen ingressou na companhia Nederlands Dans Theater, onde trabalhou como bailarino, coreógrafo e, de 1961 a 1971, como Diretor Artístico. Seguiram-se dois anos como coreógrafo freelancer e, em 1973, Hans van Manen ocupou a posição de Coreógrafo Residente e Mestre de Bailado no Ballet Nacional da Holanda. As suas coreografias têm sido apresentadas em companhias como o Ballet de Estugarda, a Ópera de Berlim, o Ballet de Houston, o Ballet Nacional do Canadá, Ballet da Pensilvânia, The Royal Ballet, o Ballet Real da Dinamarca, o Ballet Scapino, a Ópera de Viena, o Tanzforum de Colónia e a Companhia de Alvin Ailey. Para a Nederlands Dans Theater, à qual regressou em 1988, van Manen criou mais de 60 bailados, sendo alguns deles: *Sinfonia em 3 Andamentos*, *Metaphors*, *Five Sketches*, *Squares*, *Mutations*, *Grosse Fugue*, *Opus Lemaître*, *Canções sem Palavras*, *Andante* e *Fantasia*. Para o Ballet Nacional da Holanda criou, entre outros, *Twilight*, *Adágio Hammerklavier*, *Sagração da Primavera*, *Cinco Tangos*, *Bits and Pieces* e *Three Pieces for Het*. Para o Royal Ballet, van Manen criou *Four Schumann Pieces*. Ao completar 35 anos de carreira como coreógrafo, Hans van Manen foi armado Cavaleiro da Ordem de Orange Nassau, pela Rainha da Holanda. Em 1993 foi-lhe também atribuído o Prémio Alemão da Dança, pela sua influência na dança na Alemanha, durante mais de 20 anos. Hans van Manen é também um reconhecido fotógrafo. Em Portugal, o Ballet Gulbenkian dançou sete coreografias de Hans van Manen, entre 1978 e 1997, das quais se destacam *Canções Sem Palavras*, *Cinco Tangos* e *Grosse Fugue*. A par de *Cinco Tangos*, *Solo*, *Kammerballet*, *Sarcasm*, *Adágio Hammerklavier* e *Twilight*, são obras de van Manen interpretadas pela CNB. Em 2015, Hans van Manen tornou-se membro da Academia Holandesa para as Artes.

FESTIVAL AO LARGO 2016 MILLENNIUM BCP

Patrocinador principal



Hotel Oficial



Apoio Institucional



Apoios



Media partner



Mecenas principal da
Companhia Nacional de Bailado

fundação
mecenas principal



A BMW apoia o Teatro
Nacional de São Carlos



Textos Rui Esteves